



O SENSO RELIGIOSO: O FATO MAIS IMPONENTE DA HISTÓRIA HUMANA

Notas da apresentação de *O senso religioso*
com Irene Elisei, Javier Prades e Davide Prospero

Milão, Teatro Dal Verme, 2 de maio de 2023 e por videoconferência da Itália e do mundo



O SENSO RELIGIOSO: O FATO MAIS IMPONENTE DA HISTÓRIA HUMANA

Notas da apresentação de *O senso religioso* com Irene Elisei, Javier Prades e Davide Prospero

Milão, Teatro Dal Verme, 2 de maio de 2023
e por videoconferência da Itália e do mundo

Davide Prospero

Boa noite a todos, bem-vindos. Cumprimento e agradeço a todos vocês aqui presentes no Teatro Dal Verme de Milão e a todas as pessoas conectadas da Itália e do exterior. Fiquei sabendo, pelos nossos amigos que estão nos vários pontos onde as conexões foram ativadas, que várias personalidades da Igreja e da sociedade civil estão participando deste encontro, bem como muitas pessoas que não pertencem ao Movimento Comunhão e Libertação: agradeço-lhes sua presença e espero que esta seja mais uma ocasião para nos conhecermos melhor. Acabamos de ouvir Dom Giussani introduzir assim o tema do senso religioso: «Não se trata só de um fato, de um acontecimento, mas do fato mais imponente e mais inextirpável da história humana» (Episódio 1 do podcast *Il senso religioso*, 5:13min). O áudio foi tirado do podcast produzido por Choramedia, que está disponível online e repassa todos os conteúdos do livro *O senso religioso*, pela primeira vez com a voz de Dom Giussani.

Já neste pedaço que ouvimos, embora breve, capta-se muito bem – julgo eu – a intensidade com que Dom Giussani introduzia sobretudo os jovens, mas também quem quer que encontrasse, no tema do senso religioso, a paixão vibrante com que os convidava a levar a sério com toda a sua razão e com toda a sua humanidade aquele desejo de sentido, aquele anseio pelo infinito que todo homem experimenta e encontra em si. Por outro lado, essa sua mesma

convicção alimentou desde sempre seu compromisso incansável na educação dos jovens. Lembremos uma frase célebre sua contida no livro *Porta la speranza*: “Nós sufocamos os jovens quando temos a pretensão de que eles tenham um entusiasmo pelas coisas limitadas” (*Porta la speranza*, Gênova: Marietti 1820, 1997, p. 68). Para Dom Giussani, é limitada toda e qualquer proposta que não esteja voltada a abrir o olhar, a introduzir uma experiência de significado total para a existência.

Como muitos de vocês já devem saber, Dom Giussani deu forma completa aos conteúdos dessas aulas, e das que ele dera antes no liceu Berchet de Milão e depois na Universidade Católica, na edição de 1986 do livro *O senso religioso*, o mais conhecido entre os de Dom Giussani e o mais traduzido no mundo.

Acabou de ser disponibilizada uma nova edição desse livro editada pela Bur. Aproveito a ocasião para agradecer a Rizzoli e o grupo Mondadori – cujos representantes estão aqui presentes – pela sua colaboração fundamental e profícua que há muitos anos caracteriza as nossas iniciativas editoriais.

Decidiu-se realizar esta nova edição porque as comunidades de Comunhão e Libertação na Itália e no mundo vão voltar a usar esse texto nos momentos de Escola de Comunidade. No fim deste encontro, vou permitir-me roubar alguns minutos para explicar melhor de que se trata, dado que é um gesto aberto a quem quer que esteja interessado em aprofundar estes temas, não só aos membros de CL.



Voltando ao livro, sua nova publicação nos deu a oportunidade de enriquecê-lo com um novo prefácio. Trata-se de uma fala que o então arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, fez em 1998, num encontro de apresentação de *O senso religioso* em língua espanhola. Agradeço mais uma vez ao Santo Padre por nos ter dado sua anuência para repropormos essa sua reflexão.

É realmente impressionante a atualidade de suas palavras. Com efeito, ele disse: “*O senso religioso* não é um livro de uso exclusivo daqueles que fazem parte do Movimento; também não é só para cristãos ou crentes. É um livro para todos os homens que levam a sério a sua humanidade. Ouso dizer que hoje a questão que mais devemos enfrentar não é tanto o problema de Deus – a existência de Deus, o conhecimento de Deus –, mas o problema do homem, o conhecimento do homem e o encontrar no próprio homem a marca que Deus lhe deixou para que possa encontrar-se com Ele” (*clonline.org*).

Foi também reagindo a esse texto do futuro Papa Francisco que pensamos em organizar o evento desta noite: uma apresentação pública, então aberta a todos, de um livro que consideramos ser uma provocação atual e fascinante para o homem de hoje.

Para aprofundar e tornar concreto essa intenção, convidamos o Pe. Javier Prades, reitor da Universidade Eclesiástica San Dámaso de Madri e professor ordinário de Teologia Dogmática. A ele, nosso mais sincero obrigado por sua disponibilidade. Também

agradeço à jornalista Irene Elisei, à qual pedimos que conduzisse o diálogo desta noite.

Obrigado, e deixo a palavra a vocês.

Irene Elisei

Boa noite a todos. Agradeço ao Davide Prosperi, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

“O critério objetivo [...] daquela experiência elementar com que todas as mães dotam, do *mesmo* modo, os seus filhos. [...] A exigência da bondade, da justiça, da verdade, da felicidade, constitui o rosto último, a energia profunda com a qual os homens de todos os tempos e de todas as raças se aproximam de tudo [...]. Por que isto é possível? Porque tal experiência elementar [...] é substancialmente igual em todos, mesmo que depois seja determinada, traduzida e realizada de modos muito diversos, aparentemente até opostos” (*O senso religioso*, Jundiaí: Paco, 2017, pp. 27-28).

Eu quis começar por essas linhas que Dom Giusani escreveu nas primeiras páginas de *O senso religioso*, embora não sejam, muito provavelmente, as mais conhecidas ou as mais citadas, pois nos permitem a todos partir do mesmo tempo, pois apontam para algo que todos nós podemos ter vivido, ainda que tenha sido uma única vez durante os anos escolares, quando ficamos especialmente tocados pelo verso de um poema, pelo título de um livro, ao ouvir uma peça de música clássica ou a estrofe de uma

canção. Não à toa, *O senso religioso* de Dom Giussani é riquíssimo de citações. Um dos autores que ele cita com mais frequência é Giacomo Leopardi, e me marcou muitíssimo (marca todas as vezes que a lemos) um poema seu a que se refere, escrita há quase duzentos anos, o *Canto noturno de um pastor errante da Ásia*. Giussani retoma essas linhas do pastor, que se questiona: “E quando olho a amplidão, de estrelas cheia, / Penso e digo comigo: / Por que tanta candeiá? / Por que estes ares infinitos, este / infinito profundo, sereno, esta / imensa solidão? e eu, que sou eu?” (“Canto noturno...” XXIII, vv. 84-89). Estas são as perguntas existenciais, esta é a marca do senso religioso. Porém – nós o ouvimos há poucos instantes na sua própria voz – Dom Giussani fala do senso religioso como de “um fato”, sendo que comumente o entendemos como uma questão de sensibilidade (sou mais ou menos sensível e mais ou menos me faço determinadas perguntas).

Pode ajudar-nos a entender o que Dom Giussani entende por “um fato” quando fala de senso religioso?

Javier Prades

Boa noite, Irene, primeiramente, e boa noite a todos. Queria começar agradecendo ao Davide Properi pelo convite que me fez para o diálogo de hoje sobre este livro excepcional de Dom Giussani.

Nós acabamos de ouvir: o senso religioso é um fenômeno objetivo, é um fato real, é uma realidade, não é uma ideia, não é um sentimento. Depois acrescenta: “É o fato mais imponente da história humana”. Por quê? A resposta completa nós vamos encontrar conforme formos lendo o livro juntos. Mas desde já podemos chamar a atenção para outro trecho de Dom Giussani: “Chamamos ‘senso religioso’ o coração do homem: a sede de verdade e de felicidade dirige-se ao bem último, ao significado total, que excede nossa possibilidade de imaginação e de definição. Ela é também a razão de todo o agir: o senso religioso é o vértice da razão, porque a razão é consciência da realidade segundo a totalidade dos seus

fatores” (*O eu, o poder, as obras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Litterae Communions, 2021. E-book). Tomemos estas palavras: sede de verdade, sede de felicidade. Já podemos reconhecê-las: elas indicam a orientação para um significado total, que excede minha imaginação e minha capacidade de definição. Mas que é a razão do meu agir. Isso, então, lembra sua conhecida definição de razão como “consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores”. Senso religioso como sede de verdade, sede de felicidade que não consigo imaginar, que não consigo definir e que, mesmo assim, move e orienta todo o meu agir. Eis a sua preocupação. E acrescenta que, por isso, o senso religioso é “a posição exata como consciência e, quanto possível, como postura prática do homem diante do seu destino” (*Por que a Igreja*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2015, p. 232).

Por que fala de um fato imponente? Porque nesta posição exata como consciência e, quanto possível, como postura reside todo o viver humano, de cada um de nós individualmente e das sociedades, dos povos, da humanidade inteira. Por isso é uma realidade imponente.

Elisei. Vamos aprofundar mais, porém antes eu tenho uma pergunta simples mas essencial: por que é útil abordar hoje o senso religioso? Em Milão a gente corre muito, não sei em Madri, mas aqui estamos sempre atarefados e sempre parece uma questão que pode ser adiada, de alguma forma. É preciso ter boas razões para propor a alguém a leitura de um livro que se concentra nas perguntas, enquanto o mundo ao nosso redor se agita por fornecer respostas o mais rápido possível.

Prades. Qual é o contexto de hoje? Digo-o com uma fórmula que o Papa Francisco popularizou: estamos numa “mudança de época” (*Discurso no encontro com os representantes do V Congresso Nacional da Igreja Italiana*, Florença, 10 de novembro de 2015). Podemos reduzir a um *slogan* que citamos e depois seguimos em frente, mas se levamos a sé-

Tomemos estas palavras: sede de verdade, sede de felicidade. Elas indicam a orientação para um significado total, que excede minha imaginação e minha capacidade de definição. Mas que é a razão do meu agir



rio, põe a todos nós diante de um horizonte de mudanças muito profundas das nossas sociedades, que alguns autores até indicam como uma revolução antropológica. O momento em que estamos, e por isso repropomos este livro, é um momento em que o tamanho das mudanças, das transformações toca realmente a essência do que é o humano, de qual é a identidade humana. Se quiséssemos descrever os fenômenos que se encaixam neste diagnóstico, teríamos de fazer um trabalho que seria muito bom fazer a título de aprofundamento cultural. Esta noite só vou fazer algumas alusões.

Pensemos no polo tecnológico; para resumir a coisa, trata-se da famosa convergência NBIC (a nanotecnologia, a biotecnologia, a tecnologia da informação e as tecnologias cognitivas), que engloba todo um mundo que podemos evocar sem grandes dificuldades como uma das dimensões do horizonte em que estamos.

Mas há outro polo, há outro aspecto muito presente, no que toca esta mudança de época, que tem a ver mais diretamente com o humano: uma crescente autoafirmação dos indivíduos desvinculados das relações. Uma autodeterminação compreendida cada vez mais na chave dos sentimentos. Pensemos no tema do narcisismo nas nossas sociedades; neste nível se poderia abrir (pode-se e deve-se abrir) outro horizonte de questões. Para resumir, vou retomar um juízo do Papa Bento XVI quando falava de um “desequilíbrio entre as possibilidades técnicas”, gigantescas e, em si mesmas, utilíssimas para o bem-estar da nossa sociedade, “e a energia moral”. E acrescenta (isto é interessante): “A segurança de que temos necessidade como condição preliminar da nossa liberdade e da nossa dignidade não pode vir, em última instância, de sistemas técnicos de controle [não são os sistemas que nos deixarão seguros], mas apenas da força moral do homem. Onde ela falta ou se revela insuficiente, a força que o homem adquiriu transformar-se-á, cada vez mais [inevitavelmente e cada dia mais], numa força de destruição” (*A Europa de Bento na crise de culturas*, Lisboa: Aletheia, 2005, p. 22). Não é certo que será assim; pode ser.

Como quer que seja, o que Bento XVI chama de “energia moral” – a estatura humana tomada em sentido integral, podemos dizer – é muito bem acompanhada pela preocupação que Dom Giussani tinha quando propôs o livro e seu caminho educativo. Com uma fórmula que é mais conhecida para alguns de nós, ele ressaltou a perda do sentido do

*Dom Giussani me empurra
por trás, pela frente,
por todos os lados,
como que dizendo:*

*“Acorda! Porque se você
não existe, nada do que diz,
faz, propõe, deseja,
sonha e sofre é seu!”*

eu, ou seja, a perda da energia moral de que Bento XVI falou, a perda de uma compreensão integral e viva do humano, que pode justamente usar bem o poder ou pode ser oprimido por ele. Disse Dom Giussani: “Por detrás da palavra ‘eu’ há hoje uma grande confusão, todavia a compreensão do que é o *meu sujeito* [isto é, do que sou eu] é o primeiro interesse. Com efeito, o meu sujeito está no centro, na raiz de qualquer ação minha [...]. Quando se negligencia o próprio eu, é impossível que sejam minhas as relações com a vida, que a própria vida (o céu, a mulher, o amigo, a música) seja minha. [...] Há uma pressão fortíssima [ele já o dizia na época, alguns anos atrás] por parte do mundo que nos cerca [mídia, escola, política] que [...] acaba por obstar [...] qualquer tentativa de tomada de consciência do próprio eu. [...] Se porém acontecer, como realmente acontece, que aquilo que venha a ser totalmente esmagado, literalmente suprimido ou tão intimidado a ponto de ficar como que apalermado seja a nossa personalidade, o nosso eu, isto nós aguentamos tranquilamente todos os dias” (*Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 1995, pp. 11-12).

Pois bem, Giussani não quer deixar-nos sossegados quanto a isto. Eu sou um dos que sofre sem pestanejar em ser esmagado em sua personalidade, e Dom Giussani me empurra por trás, pela frente, por todos os lados, como que dizendo: “Acorda! Porque se você não existe, nada do que diz, faz, propõe, deseja, sonha e sofre é seu!”

Acrescento uma última coisa. Em si mesmo, isto já seria suficiente para sermos gratos. Mas o arcebispo Bergoglio, no prefácio, insiste em outra dimensão muito interessante e muito decisiva para nós: “Para um homem que esqueceu ou censurou seus ‘porquês’ fundamentais e o anseio ardente de seu coração [se alguém está apagado assim, mur-

cho, meio morto], o fato de falar de Deus com ele acaba sendo um discurso abstrato, esotérico ou um impulso à devoção sem qualquer relação com a vida” (*clonline.org*). Resgatar o humano é a via para reabrir humanamente a pergunta sobre Deus. Se não houver a pergunta nem houver a resposta sobre Deus, todos os riscos de que falamos antes levarão, muito provavelmente, àquele uso do poder dos homens contra os homens.

Portanto, hoje voltamos a esse “fato” que é o senso religioso, entendendo-o com Dom Giussani como “um convite e um estímulo a recuperar a simplicidade, a autenticidade da nossa natureza” (*L’io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Milão: Bur, 2010, p. 162), o fascínio de sermos homens. Será preciso alguém que nos restitua o fascínio de sermos homens!

Elisei. Você acabou de falar do convite a sermos homens. *O senso religioso*, que decerto é o texto mais traduzido e mais conhecido de Dom Giussani, é a primeira parte de um percurso que Giussani começou a fazer com os jovens que encontrou na escola, no liceu Berchet, em meados dos anos cinquenta, jovens nos quais ele enxergava uma fé muito ligada à tradição, mas destituída de bases sólidas (ele as chamava de “razões adequadas”). Com eles começou, então, um percurso educativo, a partir de *O senso religioso*, que depois foi sendo enriquecido com outros livros e que está no centro da novidade de Giussani. Diante de alunos que tinham uma fé ligada à tradição, mas destituída de razões adequadas, para ajudá-los a entender por que valia a pena crer, ele começou pela razoabilidade das perguntas primordiais. Uma inversão, não? Em vez de analisar o problema em si, eu parto da estaca zero, e isso me parece revolucionário, por si só. A quem Giussani nunca conheceu (eu nunca o conheci!), no livro é reproposta continuamente uma pergunta, eu a senti feita a mim: um homem, principalmente um homem moderno, pode fazer-se essas perguntas razoavelmente?

Pergunto-lhe se este uso da razão e o senso religioso são a grande novidade de Giussani ao abordar o tema.

Prades. Na apresentação às edições sucessivas de *O senso religioso*, ele explica o propósito de sua tentativa, o que se propõe fazer; diz assim: “O homem enfrenta a realidade [a realidade de todos, daquela época e de hoje, de nós e de todos; para entender a vida, para entender a si mesmo, aos demais, a tudo, ao homem] com a razão”. E esta já é uma opção muito

forte, pois há várias alternativas por aí sobre a relação com o real que não partem precisamente da razão, de um sentido integral de razão, mas do sentimento ou da irracionalidade pura, de modo que não há razões, há apenas o vaivém do instinto ou a emotividade, e sabe Deus quantas coisas mais. Mas Giussani diz: “A razão é o que nos define como homens. Por isso devemos ter paixão pela razoabilidade: esta paixão é o fio condutor do nosso discurso. Exatamente por isso o primeiro volume do PerCurso, *O senso religioso*, abre-se com uma tríplice premissa de método, que possa ajudar a penetrar no modo com que a consciência de um homem, por natureza, raciocina” (*O senso religioso*, op. cit., p. 15).

Aqui é muito bonito e muito interessante perceber, por um lado, a originalidade de Dom Giussani, os traços originais, originalíssimos, na minha opinião, da sua proposta educativa para fazer-nos entrar na totalidade do real. E, por outro lado, em última análise, reconhecer que, ao fazer assim, ele segue a melhor tradição católica. Porque de Agostinho e Tomás até Newman, não há nenhum “grande” na história da fé e da Igreja que, ao tentar transmitir a fé, não se tenha posto a questão sobre a razão e não tenha combatido a favor da razão. Por isso podemos dizer que estamos diante de uma figura que prolonga esta sensibilidade para os nossos tempos, esta forma de abordar o real como sugestão educativa. E assim, despertando a razão (as perguntas, como você disse), o caminho que Giussani propõe também pode vir ao encontro de uma objeção que Joseph Ratzinger havia vislumbrado, muitos anos atrás, na Alemanha da época (no início dos anos setenta): num livro seu muito conhecido, perguntava-se o porquê do fracasso na transmissão da fé. Por que ela não consegue mais criar raízes? Ele respondeu: “A crise da pregação cristã, que há um século experimentamos em crescente medi-

O fato de se ter negligenciado o drama humano, as perguntas, a paixão pela razoabilidade do viver, é um dos elementos da situação em que estamos





da, depende em muito do fato das respostas cristãs negligenciarem as interrogações do homem. Elas eram corretas e continuavam a permanecer como tais, mas não tiveram influência na medida em que não partiram do problema e não foram desenvolvidas no interior dele” (*Dogma e predicazione*, Bréscia: Queriniana, 2005, p. 75). Não faltou a clareza das nossas respostas cristãs (ele falava da Alemanha dos anos setenta, da qual sabia alguma coisa), e sim capacidade de apresentar as respostas em relação com as perguntas humanas.

Com sua proposta, Giussani incidia bem nesta dificuldade que o fazia pensar como que em dois mundos paralelos, pelo que as respostas até podiam ser corretas (eram corretas, podiam ser corretas), mas, por não encontrarem o outro, ou passavam batido ou se colocavam à parte na vida. Assim, o fato de se ter negligenciado o drama humano, as perguntas, a paixão pela razoabilidade do viver, na minha opinião, é um dos elementos da situação em que estamos, para a qual normalmente não sabemos bem como encontrar a explicação. O livro inicia com três premissas de método: a primeira premissa é o “realismo”, a segunda a “razoabilidade” e a terceira a “incidência da moralidade sobre a dinâmica do conhecimento”. Vamos começar nossa busca com estas premissas. Mas que tipo de busca queremos empreender? Pois bem, vamos seguir os passos. Realismo: o objeto dita o método. Qual é o objeto? O objeto é a pessoa. Não a definição de pessoa, mas a pessoa que eu sou, que você é, que cada um de nós é. E então, qual é a maneira de proceder com uma investigação realista, quando se trata de conhecer o que é uma pessoa? Quem sou eu? (Leopardi disse: “é eu, que sou eu?”) Assim, na minha opinião, na Itália dos anos cinquenta, em Giussani já estava, *avant la lettre*, a resposta à pergunta de Ratzinger dos anos

setenta. Estou fazendo algumas comparações meio arriscadas, mas acho que podem ser úteis. Há um modo de propor os conteúdos verdadeiros, as respostas corretas que provêm do Mistério revelado, que traz em si a interlocução viva com nós mesmos e com o outro. E é isso o que permite entender o conteúdo do que é proposto como pertinente, como adequado e, portanto, como conveniente para mim e para todos. Ratzinger levantou a questão sobre a situação e respondeu que o que estava faltando era o *Mit-fragen*, ou seja, o interrogar-se junto com todos: “Portanto, é uma componente essencial da própria pregação tomar parte na busca do homem, pois só assim a palavra (*Wort*) pode tornar-se resposta (*Ant-wort*)” (Ibidem).

Portanto, recuperamos nossas perguntas como expressão da abertura da razão para aquilo que ela não consegue imaginar nem consegue definir. Esta me parece ser uma das características mais originais e fortes da proposta de Giussani.

Elisei. Acredito que isso também tem um valor do ponto de vista do diálogo: é um método graças ao qual você pode falar de verdade com todos, dado que você não propõe apenas, como disse, um critério justo, uma razão justa, que por si só não basta para fazer com que você encontre o outro.

Prades. Você corre o risco de não encontrar a si mesmo. E isso é muito pior. É verdade, porque você pode pensar: “Mas eu disse a verdade, por que então este aqui não está vindo atrás de mim?” Pode haver muitas razões, pelo amor de Deus, mas o fato de não estar presente a dimensão de envolvimento no drama humano oblitera e tira a força de anúncio que é característica da proposta de Dom Giussani. Na minha vida, eu vi que lançar-se com esta hipótese abre

muitas portas. Claro, uma porta aberta é só uma porta aberta, não quer dizer que você chegou lá, mas a porta se abriu, depois vemos. Enquanto isso, começa-se a caminhar. Às vezes, batem a porta na sua cara. Isto é sempre provável, sempre. E aí você recomença. Mas quanto mais você recomença, mais você é você mesmo, apaixonado por percorrer o caminho junto com o outro, porque o outro tem algo de você.

Elisei. Você disse que valia a pena propor um livro assim. Parar para lê-lo neste momento, dedicar horas e trabalho a um livro assim, permite em primeiro lugar que você se recupere a si mesmo. E disse isso também na resposta que você deu a esta última pergunta. É uma questão de consciência (entendo que seja também uma questão de consciência, não?). A certa altura, você para de sentir a vida escorrer pelas mãos, mas consegue enxergar a sua profundidade. E aqui chegamos ao conceito de experiência. Quanto a isto, dou um exemplo bem rápido. Durante as férias de Páscoa, eu estava na casa dos meus pais e estava tocando música clássica. Enquanto ouvia a música clássica e lia algumas coisas, percebi que minhas filhas estavam rindo. Também estavam rindo antes, mas num determinado momento isso me moveu, me deixou comovida. Pergunto-lhe o quanto isso tem a ver com a experiência de que Giussani fala, pois é um dos conceitos que ele desenvolve muitíssimo e – de novo – aqui também de maneira muito diferente de como diariamente, normalmente, ouvimos falar de experiência. Então, o quanto isso tem a ver com o fato de perceber a profundidade do momento que você está vivendo e do qual participa?

Prades. Para mim, a categoria de “experiência” é crucial para a estrutura geral da posição humana e cristã de Dom Giussani. No livro, ele faz questão de esclarecer o que entende por “experiência”, por várias razões (inclusive teológicas). Ele sabia bem o quanto essa categoria era suspeita nos primeiros 30-40 anos do século XX para a autoridade da Igreja. Portanto, ele não brincava com isso; mas principalmente porque a vida dos jovens e de todos estava em jogo. Por isso, ele imediatamente quis deixar claro o que se entende pela expressão “fazer experiência”. Vou tentar dizer assim: *fazer experiência* hoje significa experimentar; mas, sem um critério de juízo, não há experiência, o “experimentar algo” não pode ser chamado de “experiência” no sentido humano completo, sem a

A gente percebe que está crescendo não num setor específico da atividade humana, em um ou em vários, mas em relação à questão central da vida, ao sentido da existência. Perceber que estou crescendo, ao longo dos anos, em relação ao sentido do viver é o cêntuplo aqui na Terra

comparação com critérios de juízo – diz Giussani – que permitem iluminar os fatores envolvidos, até compreender a plenitude de suas próprias exigências e a verificação das evidências que constituem o cerne da própria experiência. A experiência – entendida de forma integral, com esses critérios que capacitam o juízo – permite lidar com todas as questões da vida, percebendo-se o crescimento. Isso, para mim, é o cêntuplo aqui na Terra! A gente percebe que está crescendo não num setor específico da atividade humana, em um ou em vários, mas em relação à questão central da vida, ao sentido da existência. Perceber que estou crescendo, ao longo dos anos, em relação ao sentido do viver é o cêntuplo aqui na Terra, depois virá a vida eterna.

A inteligência do real, a paixão pela razoabilidade, não é um exercício teórico, não pode ser. A “teoria” é muito importante para alguns de nós e essencial para a nossa profissão, mas essa inteligência não pode ser alcançada apenas teoricamente por nenhum de nós, nem mesmo por aqueles que trabalham teoricamente. No entanto, essa inteligência do real é adquirida a partir da comparação com o real. Vou dar um exemplo, desculpem-me se for um pouco banal. Eu posso escrever no quadro: “As mães amam seus filhos. Os filhos são amados pelas mães”. Mas para a criança que está sentada ali, a frase não a abraça, não a consola; é verdadeira, inabalavelmente verdadeira, mas a criança compreenderá o conteúdo da inteligência do real expressa pela frase porque – abraçada pela mãe – ela se sente verdadeiramente capaz, mesmo sem palavras, de confirmar (se pudesse falar, gritaria!): “Minha mãe me ama!” Desculpem pelo exemplo simples, mas

também é útil para o que acabei de dizer sobre os critérios que constituem o coração humano: Giussani diz que cada um de nós possui esses critérios com os quais podemos comparar todas as coisas; eles são dados pela natureza, são dados em nossa condição, estabelecidos pela condição humana ou (usando uma expressão muito própria) são critérios imanentes à estrutura original da pessoa.

Vou me deter por um momento nesta primeira dimensão dos critérios (sem os quais não se faz experiência, não se cresce) em relação à vida, ao sentido da vida: eles são objetivos, iguais para todos, estão dentro de nós, mas são dados; são imanentes à nossa estrutura humana, mas não estão disponíveis, no sentido mais profundo, não são manipuláveis por nós mesmos. Mas não devemos prestar atenção a Giussani apenas porque ele diz isso, muito menos a mim porque eu digo isso, porque é preciso vê-lo, isso sim! É preciso vê-lo como a criança que pode confirmar a verdade da frase sobre a mãe. Vou tentar dizer como e onde eu o vejo.

Há alguns anos, ao ler um poeta espanhol contemporâneo, Karmelo C. Iribarren, fui impactado por um poema de duas linhas (duas linhas!) intitulado *Madri, metropolitana, noite*: “Gente exausta com olhos fixos no chão, / questionando a vida, a vida verdadeira... / porque não pode ser apenas isso”. Os olhos fixos no chão, questionando a vida, a vida verdadeira, porque não pode ser apenas isso. Gente comum, que trabalha como louco, que volta para casa exausta à noite no metrô, esgotada, olhando para o chão e pensando: “Mas o que é a vida?” O poeta está certo em captar, em ler assim o coração dessas pessoas. A coisa mais imponente que me surpreende é esta: como essas pessoas sabem que a vida não pode ser apenas isso? Quem disse? Ninguém disse! Ou sim? Não é porque você teve uma vida rica antes e depois perdeu tudo que, então, volta para casa no metrô à noite e diz: “Caramba, se eu tivesse um motorista e um carro, eu sentiria falta dessa vida...”, não! Você pode nunca ter tido, nunca ter visto outra vida. No entanto, sabe que a vida não pode ser apenas isso. Mas então, de onde vem essa certeza? Quem grita dentro de mim? Que voz grita dentro de mim essa exigência de vida verdadeira? Se você então gira isso para o lado positivo, diz: “Tudo bem, a vida não pode ser apenas isso. Você está lá, destruído, em pedaços, no metrô. Então me diga qual seria a vida verdadeira”. Se vocês tentarem fazer isso como a pessoa

do metrô, qualquer um de nós (aliás, eu também sou um do metrô!), e começar a se perguntar: “Então, o que é a vida?”, a vida-vida, como Agostinho diria. O que é a vida-vida? Comecem a listar os ingredientes e tentem entender onde vocês param, onde poderiam dizer: “Aqui, esta é a vida!” Muito interessante. Quando alguém vê isso, pergunta-se: “Será que existe alguém no mundo que se concebe como escravo, que trabalha como um escravo e não perceberia essa diferença com uma vida que não seria apenas a vida de um escravo?” São coisas que devem ser surpreendidas. Essa é, digamos, uma observação geral sobre o sentido da vida, que emerge em muitos episódios, talvez até mais simples.

Vou contar-lhes outra história muito banal. Sou professor, ensino teologia há muito tempo e alguns anos atrás tive um aluno que se sentava na última fileira, visivelmente desinteressado no que eu estava dizendo (pelo menos eu pensava assim). Quando um docente vê alguém assim, sinceramente começa a pensar não muito bem daquela pessoa. Um dia, deve ter sido primavera, mais ou menos, eu estava no meu escritório para receber os alunos. A campanha toca. É aquele aluno: “Olha, eu geralmente nunca falo com os professores. Além disso, acho o senhor um pouco antipático.” “Tudo bem.” “Além disso, eu não gosto desse Comunhão e Libertação.” “Então você deve ter errado de sala, o que posso dizer? Por que você está aqui?” “Desde antes do Natal, estou passando por muitas dificuldades e tenho pensado em desistir de tudo. Pedi ajuda, recebi alguns conselhos, talvez até sábios e bons, mas eu não me movo, vejo que nada me ajuda. Mas percebi que ouvir o senhor na aula está me ajudando.” Caramba! Naquele momento, veio-me a vontade de dizer: “Olha, agradeça a Deus pelo que aconteceu com você, porque você percebeu algo que é tão verdadeiro que atravessou e superou todos os seus preconceitos. Você foi amarrado pela luz e – como dizia Dom Giussani – pelo caráter vinculante da verdade, que não te liga a mim, meu caro (eu fui apenas um intermediário), mas te liga à experiência do verdadeiro que você acabou de ter, da qual eu fui o meio. Se eu não sou simpático para você, vire-se, mas durante toda a sua vida você não se livrará do fato de ter percebido a diferença entre as coisas que passam e o surgimento de uma verdade pertinente, convincente, transparente, que suscita sua responsabilidade. Agora, dê um jeito! Eu estou aqui, quando você quiser”. Ele foi embora. Voltou uma



vez, voltou muitas outras vezes, nos tornamos bons amigos, agora eu penso que ele é muito inteligente, é claro, ele segue nossa bela companhia do Movimento. Não sei se o ajudei, mas esse episódio me ajudou muito, porque a verdade é poderosa. Numa sociedade como a nossa, que nega até mesmo a pergunta sobre a verdade, posso insistir em dizer o que quero, mas quando a verdade reconhecida e julgada vem à tona, renascemos como sujeitos para tudo! Esse aluno agora é um padre muito bom.

Elisei. Entendemos o método com que Giussani aborda o senso religioso, o ponto de partida que ele indica para olhar para o próprio senso religioso. Mas, você diz, há muitas camadas de preconceitos que a pessoa tem sobre si mesma. Então, por onde começo?

Prades. Antes de responder, há uma coisa que eu absolutamente gostaria de dizer. Porque a outra face da moeda desses critérios – que, como critérios, são objetivos, imanentes e dados – é que sua aplicação pode estar errada, e de fato ocorrem erros. Giussani sempre usava (eu me lembro) o exemplo do chefe de escritório que se apaixona pela secretária. Ele é casado, tem três filhos e diz que vai sair de casa; em nome de quê? Trai em nome de quê? Ninguém trai em nome da traição! Ninguém. Trai-se em nome de uma ideia de felicidade, de uma ideia de amor; sim, de felicidade ou de amor. Mas a aplicação pode estar errada, muito errada: negativamente, infelizmente todos nós temos exemplos muito próximos. Pensem também na exigência de justiça. Não acredito que haja uma exigência mais forte do que essa. Basta você sentir-se tratado injustamente e o caos se instala! Agora, ponha-se do outro lado, ponhamo-nos do outro lado: você quer fazer justiça, por exemplo,

em casa com os filhos, não digo que você não queira fazer justiça. Todos nós sabemos bem quando não queremos fazer justiça, mas pensemos no caso em que queremos fazê-la. Você diz: “Tenho dois filhos, três filhos, tenho funcionários e quero fazer justiça. Com minhas próprias mãos, nunca conseguirei fazer justiça? O que significa fazer justiça?” É uma evidência: sem justiça, não posso viver, porque não suporto viver na injustiça (e as feridas que carregamos por injustiças sofridas são terríveis). Você diz: “Entendido. Então, já que a justiça é uma exigência do coração, todos os meus movimentos são justos?” Depende! Sempre haverá a possibilidade de descobrir que o que eu considerava justo pode ser comparado a um critério de justiça mais “justo”, que me faz mudar e me faz dizer: “Eu achei que tinha sido justo até onde pude; mas meu coração, com sua exigência de justiça, continuará a me corrigir, sempre poderei descobrir que o critério imanente, dado, não estabelecido por mim, pode corrigir minhas aplicações dele”.

Chego à questão que você me perguntou: por onde começamos? Começamos... vamos ver por onde Dom Giussani começa.

Elisei. Um pouco de suspense...

Prades. Para uma investigação existencial como a que estamos buscando, a proposta é começar por si mesmo. Ele o diz claramente, e é um critério muito, muito forte. Quantas apostas, quantas escolhas Giussani faz, muito poderosas, ao longo do percurso do livro. Portanto, precisamos entender claramente em que sentido ele nos convida a “partir de si mesmo [e] partir da própria pessoa” (*O senso religioso*, op. cit., p. 60). Num contexto como o de hoje, no qual narcisismo e individualismo podem

ser ainda mais fortes do que há cinquenta anos, ele diz: “Partir de si é realista quando a própria pessoa é olhada em ação, isto é, observada na experiência cotidiana” (Ibidem). Aqui, Giussani sugere um critério de método muito interessante. Como posso me dar conta? Por onde começar? É necessário identificar a estrutura da reação que cada um de nós tem diante da realidade. Não a introspecção, não o isolamento, mas ver-me em ação, acusar o golpe. Por isso, o real é salutar, porque, se não existisse, todos nós ficaríamos loucos! A realidade é um princípio de saúde mental. Você se vê em ação, se vê em relação ao real, nas ações, nas emoções que vivencia, no trabalho, no amor, no compromisso cultural, público, político. O envolvimento com todos os aspectos da vida sempre te proporciona um *feedback* que – observado de acordo com os critérios mencionados anteriormente – é uma fonte inesgotável de tensão para a compreensão integral da vida. Não precisamos de mais nada. Não nos falta vida e, não faltando a realidade que nos provoca todos os dias, todo o dinamismo que nos permite crescer seguindo critérios vividos corretamente é despertado.

Elisei. A próxima pergunta está relacionada a isso. Às vezes, temos em nós ou vemos em alguém que encontramos um coração que parece um pouco adormecido. Como se desperta um coração adormecido? No prefácio, Bergoglio diz: “Não podemos fazer um discurso sobre Deus se não tivermos soprado as cinzas que estão cobrindo as brasas dessas perguntas” (*clonline.org*). Tenho em mente um colega insatisfeito com sua vida sentimental, profissional, enfim, em muitos aspectos; no entanto, parece quase que ele se contenta, que escolhe contentar-se.

Prades. Do ponto de vista da educação de cada um de nós – para meninos de 12 anos, de 14, para seus filhos, para mim, que tenho 62 anos –, a pergunta é muito importante. Eu tenho uma necessidade enorme delas. Para o nosso percurso educativo, para a comunicação de nossa experiência, para a partilha de nossa experiência, é uma questão radical. Como despertar essas perguntas? Como despertar um coração adormecido? Vou imediatamente para aquela página muito famosa em que Giussani responde precisamente a essa sua preocupação: qual é a estrutura da reação que suscita o real, a primeira, a mais original? Ele usa um exemplo muito, muito original, muito bonito: “Suponhamos estar nascendo, saindo do ventre de nossa

mãe com a idade que temos neste momento, no sentido de termos desenvolvimento e consciência como os que possuímos agora. Qual seria o primeiro sentimento em sentido absoluto, isto é, o fator primeiro da nossa reação perante o real? Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio de minha mãe, ficaria dominado pela maravilha e fascínio das coisas, como de uma ‘presença’” (Ibidem, p. 155). Se pudéssemos nascer com a consciência de um adulto, a estrutura da reação diante do real seria o maravilhamento. As “coisas”, a “coisa”, o real.

O exemplo não é artificial, parece-me muito perspicaz, muito profundo. Certamente porque todos podemos reconhecer-nos, como pessoas normais, nessa primeira descrição da estrutura de uma reação comovida, de um maravilhamento diante das coisas comuns. Lembrei-me de um livro publicado há muitos anos, com depoimentos de astronautas americanos e cosmonautas russos que haviam retornado à Terra. Ao reler alguns deles, a primeira coisa que se destaca é uma surpresa cheia de alegria. Por exemplo, um deles dizia: “Ao sair da nave espacial, uma sensação estranha de felicidade me tomou. A Terra tinha um cheiro indescritivelmente doce e profundo. Que prazer sentir o vento após longos dias no espaço”. Outro declarou: “Depois de descer da nave espacial, fiquei muito feliz em ver o solo já coberto pela primeira camada fina de neve do outono. Eu queria me jogar no chão, abraçá-lo e pressionar minhas bochechas contra ele” (K. Kelley (Ed.), *The Home Planet*, Reading-Ma: Addison-Wesley, 1988). Quantos russos em suas vidas não terão visto um dedo de neve na terra no outono? Todos (exceto alguns na região do Mar Negro!). Não há nada mais banal, mais óbvio do que a neve na Rússia. Mas basta

*Por onde começar?
É necessário identificar
a estrutura da reação
que cada um de nós tem
diante da realidade. Não
a introspecção, não o
isolamento, mas
ver-me em ação,
acusar o golpe*



recuperar o olhar original, que você sente vontade de se jogar no chão cheio de felicidade!

No entanto, Dom Giussani não dá o exemplo apenas para estimular os sentimentos, no sentido de dizer: “O chão me deixa de bom humor”, mas lê essa experiência, que pode ser multiplicada em muitos outros exemplos, como um indício, nada menos, da própria profundidade do real. Ou seja, o maravilhamento não é apenas um sentimento, mas o caminho que leva a um “além” que é da mesma natureza do maravilhamento. Aquilo que não posso definir e não posso imaginar me aparece de forma tão correspondente a ponto de suscitar maravilhamento, comoção. Será falso? Será uma aparência? Dom Giussani parte do maravilhamento como uma porta, uma janela, um ponto de fuga para indicar a única coisa que pode tranquilizar-nos: a realidade é boa. Não apenas “aparece”, mas se doa a mim exatamente como aparece, como algo bom. Aí está a certeza, aí está a consistência.

O seu colega, eu e todos nós podemos estar apagados, até termos, por graça, a oportunidade de um encontro que desperta o maravilhamento, que reacende o dinamismo humano e nos põe em ação novamente. Isso é decisivo, como você no início. Giussani destaca o quanto é profunda a experiência descrita com o exemplo. Você vai, vai, vai, vai mais além, adentra essa experiência e, no final, percebe nada menos que na origem da sua pessoa há algo misterioso ao qual não você pode chamar outra coisa senão “Tu”. Não pode dizer menos do que “Tu” a essa misteriosa origem no fundo de você (cf. *O senso religioso*, op. cit., pp. 162-164). Assim, o caminho até Deus será compreendido de forma muito mais realista, existencialmente vinculante, quando qualquer pessoa ouvir o anúncio cristão. Dom Giussani comentou a *Se-*

*Você vai, vai, vai,
vai mais além, adentra
essa experiência e, no final,
percebe nada menos que
na origem da sua pessoa há
algo misterioso ao qual não
você pode chamar
outra coisa senão “Tu”*

villanas del Adios: “Algo morre na alma, quando um amigo se vai... [...] O barco fica pequeno, quando se afasta no mar...” Giussani diz que esta é a experiência humana mais nobre. Esse ponto de fuga se perde no horizonte: “As *Sevillanas*, dizia, são um símbolo: o barco, o navio que se afasta, vai-se tornando cada vez menor, à medida que entra no mar, vai-se tornando cada vez menor, até que desaparece”. E então ele acrescenta: “Mas, enquanto que para o homem comum essa linha do horizonte constitui o ponto onde tudo se afunda, até desaparecer – o *barquiño* da canção desapareceu, era um ponto, apenas um ponto, e depois desapareceu –, para o cristão essa linha do horizonte é como um enigma, o mistério do qual deve surgir diante dele, do qual tem que chegar alguma coisa até ele: é uma terra desconhecida, da qual vai chegar até ele alguém que traz uma riqueza inimaginável. [...] E, efetivamente, num dado momento aparece um ponto no horizonte, sobre a linha do horizonte: é o barco. Esse *barquiño*, que ao princípio é um ponto, torna-se cada vez maior. Ante os olhos do homem atento, que fixa nele o olhar, vai-se fazendo cada vez maior, maior, até que se perfila também o que está a bordo dele e vê-se então um homem, o barqueiro, sentado dentro dele. O barco aproxima-se da margem, atraca, e o homem que esperava abraça o outro que chega” (*Realidade e juventude. O desafio*, Lisboa: Diel, 2003, pp. 101-104). Mas quem poderá compreender até estremecer a frase: o Mistério se fez homem, se dizer “Mistério” não desperta a experiência da misteriosidade de um bem incognoscível que perpassa todas as camadas do viver e cujo nome é desconhecido? Você não sabe dizer o Seu nome e Ele não diz o seu nome, mas o homem que desce à terra e te abraça (o Mistério feito homem), Ele tem um nome e Ele conhece o meu nome.

Portanto, se não percorremos o caminho integralmente, as palavras mais sacrossantas da nossa fé podem passar batidas sem afetar sequer um milímetro as pessoas. No entanto, elas são verdadeiramente a porta da salvação para aqueles que se perguntam: “O que estou fazendo aqui sem entender nada da minha vida?” Posso estar apagado, mas desperto porque alguém passa perto de mim com essa capacidade de me abraçar.

Elisei. Algo pode surpreender, e isso pode nos despertar. Justamente porque estamos falando de maravilhamento, vou lhe fazer rapidamente a próxima pergunta, partindo do que outro colega me



Aqui não há espectadores, hoje não há. Vocês vieram por acaso? Não sei por que vieram, mas estão aqui. E não são espectadores. Portanto, deixemos a pergunta em aberto: “O que significa viver intensamente o real?”

De quem posso dizer, conhecendo seu nome e sobrenome, que corresponde às palavras do texto, ou seja, vive intensamente o real?

perguntou (tenho quantos colegas você quiser para mais perguntas!). Nos últimos dias, enquanto preparava o encontro desta noite, eu carregava o livro na minha bolsa. Evidentemente, ele estava à vista e um colega curioso o tirou para fora; depois de ler o título, ele olhou a quarta capa e leu: “Viver intensamente o real”. Ele se aproximou de mim e perguntou: “Mas o que alguém que vive intensamente o real faz?” Eu disse a ele: “Venha ouvir o Prades e ele vai responder”. Giussani diz: “Qual é a fórmula do itinerário rumo ao significado último da realidade? Viver intensamente o real”. O que isso significa?

Prades. Ótimo! Então, deixo essa pergunta aberta para todos. De verdade! Não é que no palco estejam os atores e na plateia os espectadores, sinto muito! Aqui não há espectadores, hoje não há. Vocês vieram por acaso? Não sei por que vieram, mas estão aqui. E não são espectadores. Portanto, deixemos a pergunta em aberto: “O que significa viver intensamente o real?” De quem posso dizer, conhecendo seu nome e sobrenome, que corresponde às palavras do texto, ou seja, vive intensamente o real? Levemos em conta que Charles Taylor disse: “Esta é a era da autenticidade” (C. Taylor, *The ethics of authenticity*, Harvard University Press, 2003). De fato, ouvindo muitas músicas, por exemplo: *I want it all*, parece uma vivência intensa, muito autêntica. Ou não? *And I want it now* (Queen, “I want it all”, do álbum *The miracle*, 1989 Emi). É essa a maneira de viver intensamente o real? Seria talvez um “vamos lá fazer”? É muito mais bonito encontrar alguém cuja vida desperte em mim a experiência de correspondência, de intensidade do real como itinerário para o significado último. Porque esta é a segunda parte da frase, que não deve ser perdida. “Viver intensamente” pode ser entendido de muitas maneiras: Dom Giussani diz que é para alcançar o “significado último”. Estou curioso, daqui a algumas semanas, para ter muitas indicações de pessoas, lugares, gestos onde se vive intensamente o real, de modo a estar em caminho rumo ao destino.

Elisei. Eu gostaria de entender qual interesse pode haver em refletir sobre a religiosidade, sobre o senso religioso, para quem talvez acredite ter encontrado uma resposta a essas perguntas, para quem já está num caminho de fé. Em suma, por que não é um passo atrás ou uma repetição?

Prades. Não é apenas para “quem acredita ter encontrado uma resposta”, mas também para “quem a encontrou” – porque a resposta cristã é muito verdadeira –. Giussani certa vez teve esta tirada: “Nós escrevemos o senso religioso” – nós... ele! –, “nós cristãos, nós católicos”, ou seja, nós que encontramos Jesus Cristo, que a partir do encontro feito pudemos recuperar o humano conforme a profundidade, a riqueza, a precisão, a plenitude descrita em *O senso religioso*. Giussani disse isso, mas aqui eu lembro a expressão que Julián Carrón usava muitas vezes: “O senso religioso é a verificação da fé” (*Passos*, n. 124, mar. 2011, pp. 7-18). Fazer o percurso do senso religioso como verificação da fé cristã, é isso que queremos fazer agora. Caso contrário, como poderemos, como poderei eu comunicar a intensidade, o gosto, a paixão pela fé, se quando digo “Encarnação do Verbo feito homem” faltar tudo o que eu disse antes? E, ao contrário, como é diferente poder dizer a alguém: “Venha comigo, fiquemos juntos, eu vou até você”, quando minha fé é retroalimentada, mantida e movida por essa inteligência do humano que surge da fé! Eu acredito que uma proposta como essa permite (não é mecânico, nada é mecânico) escapar do formalismo, do formalismo em nós cristãos vivermos a fé. Até perceber a ligação profunda, existencial, entre cada uma das propostas que o cristianismo nos faz, que o Senhor que encontramos nos faz, e o humano que O busca. Por outro lado, se o senso religioso não consegue encontrar aquilo pelo qual se move, geralmente cai (foi um pouco a história de sempre) em particularidades que roubam o lugar da totalidade, porque não se vive sem significado. Se eu não consigo encontrar o significado feito próximo, feito

carne, vou traduzi-lo de acordo com minha própria imagem ou definição. O único que não deixa o círculo do senso religioso fechar-se é Cristo. “*Remoto Christo*”, como dizia a antiga teologia; sem Cristo, a tentação de fechar o problema numa imagem ou definição é muito forte.

Elisei. Gostaria de concluir apenas lembrando que esta foi a apresentação do livro, mas também é uma proposta de um trabalho sobre *O senso religioso*, como possibilidade de aprofundamento para todos.

Prades. Muito bonito. Davide mencionou isso e você também lembrou; vou repetir rapidamente. No prefácio, o arcebispo Bergoglio diz que este livro “é um livro para todos”. É um livro para todos!

Por si só, é uma obra-prima, mas, na minha opinião, não é suficiente, porque não nasceu assim! Justamente por como nasceu, a coisa mais fascinante deste livro é que ele representa uma dimensão de um caminho educativo integral, para um aprofundamento da experiência cristã e humana integral que cada um encontrou e graças à qual chegou também ao livro. Não é um “faça você mesmo”, não é um manual de autoajuda (não sei como dizer), não é isso! É a expressão de uma proposta educativa que faz parte de um percurso, de um caminho que não pode despertar interesse se não te alcançar através de alguma realidade que desperte em você o maravilhamento e te ponha em movimento. Por isso, e dessa maneira, o livro ganha todo o seu peso.

O Papa Francisco nos disse em outubro passado que “a Igreja, e eu mesmo, espera mais, muito mais” (“Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária”, *Passos*, n. 252, nov. 2022, p. 28). Humildemente, acredito que uma das coisas absolutamente mais bonitas do caminho educativa que compartilhamos e ao qual podemos convidar todos é justamente essa experiência integral, esse fazer parte de um lugar vivo que olha para o humano dessa maneira. Esta vida, esta realidade, permite-nos enfrentar

corretamente todos os desafios de que falamos antes, os enormes e os cotidianos, e que Francisco chama de “mudança de época”. Nesse sentido, na minha opinião, este livro é um recurso de valor educativo, cultural e missionário excepcional a ser proposto a todos, porque realmente nos convém.

Elisei. Vamos chamar Davide Prosperi para as conclusões. Agradecemos a todos pela atenção.

Prosperi. Gostaria de concluir este encontro dando continuidade ao que Javier Prades acabou de dizer. Não é apenas (certamente o é, mas não apenas) a apresentação de um livro, a de hoje à noite, mas a proposta do início de um trabalho, que nós de Comunhão e Libertação costumamos chamar de “Escola de Comunidade”. A Escola de Comunidade é um gesto semanal ou quinzenal, geralmente conduzido por um dos responsáveis locais do Movimento, que pretende aprofundar os conteúdos propostos por meio do confronto estreito entre o texto de Dom Giussani e a própria experiência, como ouvimos. Tem uma forma dialogada e, como já dissemos no início, está aberto a todos. Não são necessárias condições prévias de pertencimento, crença religiosa ou competências culturais: basta ter abertura para ouvir, interesse e comprometimento com a própria humanidade. Na verdade, esse gesto nasceu da paixão educativa de Dom Giussani, que, como ouvimos, dedicou toda a sua vida à educação, formando jovens e adultos, para um olhar livre e sério sobre si mesmos e sobre a realidade.

Permitam-me ler alguns trechos de diferentes textos nos quais Dom Giussani mesmo introduz o significado e o propósito da Escola de Comunidade. “A Escola de Comunidade é, antes de tudo, um trabalho. É o trabalho que constrói, é o fenômeno humano pelo qual, plasmando a realidade criada, a realidade que nos cerca, algo se ergue de forma orgânica, acolhedora, útil, pacífica, humana. [...] Mas me perguntei agora: por que a Escola de Comunida-

É a expressão de uma proposta educativa que faz parte de um percurso, de um caminho que não pode despertar interesse se não te alcançar através de alguma realidade que desperte em você o maravilhamento e te ponha em movimento



de? Por que criamos a Escola de Comunidade tantos anos atrás? A vida tem um propósito, e o fato de termos tantos problemas urgentes em nossos dias é justamente a confirmação de que a vida tem um propósito, pois se não tivesse um propósito não haveria problemas. Isto é o que quisemos estabelecer com a Escola de Comunidade: que não haja problema humano sentido em nossa vida para o qual não haja resposta, resposta adequada; a resposta adequada a um problema são as razões constitutivas desse problema. Isso dá à vida curiosidade e gosto. Resolver um problema da vida, da própria vida, dá curiosidade e gosto. Mas essa foi a descoberta das primeiras aulas de religião que dei; tive de perceber que a fé tem mais razões do que a inteligência humana como tal é capaz de encontrar. A fé é mais capaz de responder aos problemas humanos do que a própria razão, em sua capacidade. É por isso que amamos essa fé, porque ela se mostrou diante de nossos olhos como uma grandeza mais fascinante do que a grandeza de nosso pensamento como seres humanos e mais acolhedora do que pode ser acolhedor um coração generoso humano” (*In cammino. 1992-1998*, Milão: Bur, 2014, pp. 240-241).

Por que, então, fazer Escola de Comunidade sobre o livro que apresentamos esta noite? *O senso religioso* é o primeiro de uma trilogia de textos com os quais Dom Giussani completou o percurso de catequese para as pessoas que o encontravam ou à experiência de fé nascida do encontro com ele.

Os outros dois textos são intitulados *Na origem da pretensão cristã* e *Por que a Igreja*, e tratam, respectivamente, da experiência do encontro com a figura de Cristo, histórica e existencialmente, e de como esse fato perdura na história através da companhia humana da Igreja. A trilogia, da qual *O sen-*

so religioso é o primeiro passo, assumiu em Dom Giussani – com um jogo de palavras – a definição de “PerCurso”: um curso que oferece, justamente, a possibilidade de percorrer um caminho. Em várias ocasiões, o próprio Dom Giussani fez referência ao valor desta Escola de Comunidade sobre *O senso religioso*: “Eu havia dito, antes de começarmos a Escola de Comunidade sobre *O senso religioso*, que eu me permitia desejar que uma coisa acontecesse no final do trabalho: que tivéssemos percebido pelo menos um pouco que tudo e tudo de nós depende de algo maior do que nós; maior não no sentido de mais volumoso em relação à nossa imaginação, mas ainda da mesma natureza daquilo que conseguimos imaginar, e sim no sentido de outro, ‘completamente outro’, como uma vez lembrou o Papa citando um grande teólogo protestante; nossa razão não alcança: nada pode ser comparado a Deus, nós somos nada diante de Ti. Ora, este Mistério – é o segundo passo: o primeiro é que o Deus de quem Cristo nos falou, que Cristo nos revelou, porque ninguém jamais O viu, exceto Aquele que desceu do céu, é Mistério – é um Mistério que entra na história: o Deus é um Deus histórico. Isso é insuportável para a cultura humana de todos os tempos. Até a ideia, a intuição de que a realidade depende de algo além, muitos chegaram, até mesmo Voltaire, mesmo os homens mais hostis à Igreja e ao cristianismo. Mas que este Mistério tenha tido a ver com a história, que Deus tenha se tornado um Deus histórico, isso não é facilmente suportável, porque não é concebível. Precisamente porque o Mistério não é concebível por nós, muito menos podemos conceber como o Mistério pode estar com e dentro da miséria do tempo e do espaço, aquela miséria que sentimos sobre nós e que nos leva da manhã incer-

ta à noite cansada, que nos faz atravessar a maioria dos momentos de forma distraída e banal, que nos leva a envolver-nos em atitudes normalmente tão mesquinhas. Deus entra nessas coisas, o mistério entrou na história, é um Deus histórico” (*La verità nasce dalla carne*, Milão: Bur, 2019, pp. 190-191).

Em outra ocasião, ele disse: “O homem de hoje, que tem essa pretensão, nunca imaginou uma escravidão, até mental e no coração, como a atual, muito mais terrível quanto mais ele pretende fazer-se por si mesmo, quanto mais esquece sua total e original dependência: ‘Eu te amei com um amor eterno, te atraí para o ser, te trouxe até mim, tendo piedade do teu nada’. Uma frase que corresponde àquela que Cristo disse antes de ir morrer: ‘Sem mim, nada podeis fazer’. É necessário ter essa consciência e esse sentimento, que são dados pela coisa mais desconcertantemente evidente: nós poderíamos não existir; não estamos aqui porque tivemos direito a isso, porque tivemos a força ou a capacidade de nos dar a vida. Portanto, o sentimento de nossa criaturalidade deve dominar, do fato de termos sido escolhidos para viver, escolhidos para ser: não havia razão alguma para eu existir e não outros, infinitamente outros. A Bíblia surge, nasce, desenvolve-se inteiramente neste sentimento profundo, nesta verdade última e primordial, nesta verdade que penetra por todos os poros da pele e todos os cabelos da cabeça, ‘pois até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados’, e você não pode aumentar nem mesmo um milímetro – querendo – da sua estatura. A Bíblia parte da consciência e do sentimento primordial, profundo e último dessa dependência total” (Ibidem, pp. 104-105). Aqui está o conteúdo fundamental da Escola de Comunidade sobre *O senso religioso*.

*É uma oportunidade
para colocar o nosso
verdadeiro “eu” no centro
do nosso interesse
e recuperar um
relacionamento
verdadeiramente
livre com a realidade*



Hoje vemos claramente que os ritmos da vida, na sucessão frenética dos dias, frequentemente nos levam a agir de forma reativa, numa busca por resultados que correspondam prontamente a estímulos externos à nossa pessoa. No entanto, é justamente por isso que sentimos cada vez mais a necessidade de ter momentos para nós mesmos, a fim de pararmos para olhar com paixão a consistência do nosso “eu” – como ouvimos esta noite –, pois sem isso toda essa agitação nos levaria a uma progressiva falta de sentido na vida. Acredito que iniciar um trabalho como este seja uma oportunidade para colocar o nosso verdadeiro “eu” no centro do nosso interesse e recuperar continuamente um relacionamento verdadeiramente livre com a realidade: trabalho, família, filhos, amores, paixões, doenças e solidão, alegrias e dores. Tudo pode ter um significado para quem não se conforma com viver renunciando a buscar um sentido para a existência.

Concluo com uma breve citação de Giussani: “Meu desejo, portanto, é que vocês possam experimentar que todo problema pode ser abordado com razões que pré-sentem ou indicam a solução, e que a fé corrige e conclui todas essas indicações. É como quando você se levanta ao amanhecer, quando ainda há um crepúsculo e não se vê nada claramente, exceto as últimas estrelas; você distingue a forma das coisas, das casas, das árvores, das colinas. Em certo momento, ocorre um fenômeno que parece normal e é estranho. Não deriva do crepúsculo, mas depois você percebe que o crepúsculo vem dele: é o fenômeno do sol nascendo. Então as casas, as árvores e as colinas se definem de acordo com sua verdadeira natureza, sua verdadeira forma, e tudo se harmoniza numa tranquilidade na qual o ser humano se sente seguro, começa a agir com confiança. Desejo que a Escola de Comunidade seja para vocês esse sol que surge da confusão crepuscular das intuições naturais, da inteligência natural” (L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*, op. cit., p. 241).

Por isso, convidamos todos vocês a fazerem junto conosco esse trabalho, sem a pretensão de mudar o mundo, mas com a esperança de começar a nos mudar. Operacionalmente, vocês podem obter informações sobre os locais e horários das várias Escolas de Comunidade com as pessoas que os convidaram esta noite, ou escrevendo para o seguinte endereço de e-mail da secretaria de CL: info@clonline.org.

Obrigado de novo a todos, especialmente a Pe. Prades e a Irene Elisei. E boa noite.

© 2023 Fraternità di Comunione e Liberazione.

Foto da capa: © Shutterstock
Fotos internas: © Pino Franchino/Fraternità CL